

Artigo original

# Solicitação de dízimos e ofertas na Igreja Universal do Reino de Deus: a constituição discursiva da argumentação

*Request for tithes and offerings in the Universal Church of the Kingdom of God: the discursive constitution of the argumentation*

*Solicitud de diezmos y ofrendas en la Iglesia Universal del Reino de Dios: la constitución discursiva de la argumentación*

Isabella Lopes de Souza Pinto<sup>1</sup>  , Lucas Martins Gama Khalil<sup>2</sup>  

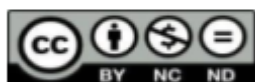
**Citação:** Pinto, I. L. S.; Gama, L. M.; (2025). Solicitação de dízimos e ofertas na Igreja Universal do Reino de Deus: a constituição discursiva da argumentação. *InterteXto*, 25. <https://doi.org/10.18554/it.v18i00.5893/xxxxxx>

**Editores:** Juliana Bertucci Barbosa e Priscila Marques Toneli

**Recebido:** 30 dez. 2025

**Aceito:** 30 mar. 2026

**Publicado:** 30 abril 2026



Texto sobre copyright.



1. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil.
2. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil.

**Resumo:** A crença neopentecostal eclode em meados dos anos 1970, no Brasil, e apresenta como maior representante o Bispo Edir Macedo com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O objetivo deste artigo é analisar a constituição discursiva da argumentação, especificamente, no que diz respeito à necessidade de o fiel dar o dízimo, a partir da transcrição de dois vídeos – recorte de um *corpus* de pesquisa mais amplo – nos momentos em que Edir Macedo solicita dízimos e ofertas dentro do culto religioso. O quadro teórico-metodológico em que este trabalho se inscreve é a Análise do Discurso, sobretudo, a partir de estudos de Dominique Maingueneau (acerca de noções como semântica global e *ethos*) e de Ruth Amossy, que propõe a teoria da Argumentação no Discurso. Partindo do pressuposto de que o discurso religioso em questão tem uma “visada argumentativa” (Amossy, 2018), busca-se desenvolver a hipótese de que, na argumentação empreendida pelo Bispo Edir Macedo sobre a importância do dízimo, são fundamentais para a legitimação do discurso fatores como a constituição da imagem de enunciador, apreendida sob a perspectiva do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2020), e um “gerenciamento” específico da intertextualidade bíblica.

**Palavras-chave:** Discurso. Argumentação. Neopentecostalismo. Dízimos.

**Abstract:** The neo-Pentecostal belief emerged in the mid-1970s, in Brazil, and presented Bishop Edir Macedo with the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) as its greatest representative. The purpose of this article is to analyze the discursive constitution of the argumentation, specifically, with regard to the need for the faithful to tithe, from the transcription of two videos – a cut from a broader research corpus – at the times when Edir Macedo requests tithes and offerings within the religious service. The theoretical-methodological framework in which this work is inscribed is Discourse Analysis, mainly based on studies by Dominique

Maingueneau (about notions such as global semantics and ethos) and Ruth Amossy, who proposes the theory of Argumentation in Discourse. Assuming that the religious discourse in question has an "argumentative aim" (Amossy, 2018), we seek to develop the hypothesis that, in the argumentation undertaken by Bishop Edir Macedo about the importance of tithing, factors such as the constitution of the enunciator image, apprehended from the perspective of the discursive ethos (Maingueneau, 2020), and a specific "management" of biblical intertextuality are fundamental for the legitimacy of the discourse.

**Keywords:** Discourse. Argumentation. Neopentecostalism. Tithes.

**Resumen:** El movimiento neopentecostal surgió en Brasil a mediados de la década de 1970, con el obispo Edir Macedo y la Iglesia Universal del Reino de Dios (IURD) como su representante más destacado. Este artículo busca analizar la constitución discursiva del argumento, específicamente en lo que respecta a la necesidad de que los fieles diezmen, a partir de la transcripción de dos videos —una selección de un corpus de investigación más amplio— que muestran momentos en los que Edir Macedo solicita diezmos y ofrendas durante los servicios religiosos. El marco teórico y metodológico de este trabajo es el Análisis del Discurso, basado principalmente en los estudios de Dominique Maingueneau (sobre nociones como la semántica global y el ethos) y Ruth Amossy, quien propone la teoría de la Argumentación en el Discurso. Partiendo de la base de que el discurso religioso en cuestión tiene una "finalidad argumentativa" (Amossy, 2018), este estudio busca desarrollar la hipótesis de que, en la argumentación realizada por el obispo Edir Macedo sobre la importancia del diezmo, factores como la constitución de la imagen del enunciador, aprehendida desde la perspectiva del ethos discursivo (Maingueneau, 2020), y una "gestión" específica de la intertextualidad bíblica son fundamentales para la legitimación del discurso.

**Palabras clave:** Discurso. Argumentación. Neopentecostalismo. Diezmos.

## 1. Introdução

Este artigo objetiva analisar o discurso referente à coleta de dízimos e ofertas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), buscando descrever como se constitui, na argumentação do pastor que ministra o culto, a representação da prosperidade enquanto vontade divina. Como base teórica, fundamenta-se na Análise de Discurso (AD), ancorada, especificamente, em Dominique Maingueneau, a partir de teorizações sobre conceitos como formação discursiva, semântica global e ethos. É pertinente, além disso, estabelecer um diálogo com a abordagem teórica de Ruth Amossy, no que concerne, sobretudo, à análise da argumentação sob uma perspectiva discursiva, observando alguns elementos, como a doxa e a adaptação do orador ao seu auditório. Conforme argumenta Amossy (2018, p. 129), "na medida em que a Análise do Discurso (AD) espera descrever o funcionamento do discurso em situação, ela não pode negligenciar a sua dimensão argumentativa".

Para a realização deste trabalho, foram transcritas partes de dois vídeos da Igreja Universal do Reino de Deus, dirigidos por Edir Macedo, no momento específico em que ele solicita dízimos e ofertas. Os dois vídeos selecionados e transcritos estão divulgados no YouTube. Deve-se salientar que este

artigo é resultado de uma pesquisa<sup>1</sup> que contou com um *corpus* mais amplo; nela, contrapôs-se as semânticas discursivas características de duas igrejas, a IURD e a IMPD (Igreja Mundial do Poder de Deus), a partir de pregações de seus principais líderes em relação ao dízimo. Devido às limitações espaciais do presente texto, estabeleceu-se um recorte, a fim de que, ao menos, duas análises pudessem ser realizadas com mais profundidade. Os vídeos aqui mobilizados, dessa forma, cumprem o papel de ilustrar certas regularidades do funcionamento discursivo identificado, mais globalmente, na pesquisa.

A crença religiosa neopentecostal surge em meados dos anos 1970 como uma espécie de reforma ao pentecostalismo clássico. No Brasil, apresenta como denominação mais representativa a Igreja Universal de Reino de Deus (IURD), liderada pelo Bispo Edir Macedo. O neopentecostalismo tem na teologia da prosperidade um dos seus pilares de sustentação; com base nela, propaga-se para os seguidores que o plano de Deus para o homem é fazê-lo feliz, abençoado, próspero, e que a fidelidade do dízimo ajuda a cimentar o caminho para se alcançar aquilo que deseja. No entendimento de Rossi (2015), a teologia da prosperidade seria fruto do capitalismo:

Buscando justificativa em textos isolados da Bíblia, a teologia da prosperidade não passa de produto do capitalismo e da psicologia do sucesso que domina a maioria das nações industrializadas e atinge também as nações pobres. É uma reflexão que, feita não à luz da Bíblia, mas da procura de privilégios, estimula a insensibilidade diante da injustiça presente no mundo.<sup>2</sup>

De acordo com o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Igreja Universal do Reino de Deus tem mais de seis mil templos, doze mil pastores e um milhão e oitocentos mil fiéis no Brasil<sup>3</sup>. Trata-se de uma das maiores organizações religiosas do Brasil e a 29ª maior igreja em números de seguidores do mundo, estando bastante presente em países de língua portuguesa. O bispo Edir Macedo, por sua vez, é o pastor mais rico do Brasil, segundo a Forbes. Essas informações se fazem relevantes porque este artigo analisará um discurso fundamentalmente constituído pela teologia da prosperidade; e também porque reforçam que a prática religiosa em questão se insere em uma sociedade capitalista, que supervaloriza os bens e riquezas materiais.

## 2. Discurso e Argumentação: apontamentos teóricos e metodológicos

O discurso, enquanto objeto teórico, não se trata apenas do uso da língua em dada situação de enunciação; ele está, fundamentalmente, atrelado à relação constitutiva entre língua e condições sócio-históricas de produção. A produção de enunciados, sob essa perspectiva, pauta-se em dadas

---

<sup>1</sup> Dissertação intitulada “Dízimos e ofertas nas igrejas Universal do Reino de Deus e Mundial do Poder de Deus: discurso e argumentação”, defendida em 2021, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-teologicos/a-biblia-reinterpretada-pela-teologia-da-prosperidade/>. Acesso em 01 ago. 2021.

<sup>3</sup> Segundo o portal R7 – que é pertencente ao Grupo Record, atualmente propriedade de Edir Macedo –, em notícia atualizada em 09 de julho de 2020, os dados são diferentes: 12,3 mil templos, 17 mil bispos e pastores e dez milhões de fiéis. Disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>. Acesso em 05 jan. 2021.

regularidades, na medida em que o posicionamento em que o sujeito se inscreve restringe o quê e o como dizer.

A referência a expressões como “regularidade” e “posicionamento” demanda uma breve exposição acerca de um conceito crucial para a Análise do Discurso: a formação discursiva, que encontra definições tanto em Michel Pêcheux (1997), fundador da AD francesa, quanto em Michel Foucault (1995), autor fundamental para o desenvolvimento dessa disciplina. Devido à delimitação teórica deste trabalho, não se propõe empreender uma discussão sobre as diferenças entre as definições dos autores supracitados; basear-se-á, de modo prevalecente, nas proposições teóricas da Dominique Maingueneau, tendo-se em conta, também, o diálogo mais adjacente, por assim dizer, com a proposta de Ruth Amossy quanto à abordagem discursiva da argumentação.

De acordo, especificamente, com a teorização de Maingueneau (2008, p. 20), pode-se caracterizar a formação discursiva como um “sistema de restrições de boa formação semântica”, em que “boa” implica justamente o “regular”, o funcionamento de dadas restrições, sempre sócio-historicamente constituídas, de formação dos enunciados. Toda formação discursiva é constituída pela interdiscursividade, noção que se relaciona, de certa maneira, ao pressuposto de que nenhum sujeito é “senhor absoluto” do seu próprio discurso, considerando-se que os enunciados são dependentes de uma série enunciativa que lhe é anterior. Ao mobilizar, por exemplo, um item lexical (bem como uma referência intertextual, um tom de voz etc.) em detrimento de outro, o sujeito lida com uma rede de formulações que constituem, mesmo que tacitamente, a “sua” produção discursiva, e que ajudam a demarcar, materialmente, os posicionamentos aos quais ele se alinha.

A noção de interdiscurso foi introduzida na AD por Pêcheux (1997, p. 162), para designar o “todo complexo com dominante das formações discursivas”, submetido às relações de contradição, subordinação, aliança, que caracterizam a luta ideológica. Toda formação discursiva, segundo o teórico, tem dissimulada a presença do interdiscurso em seu interior, tendo em vista que “[...] algo fala (*ça parle*) sempre antes, em outro lugar e independentemente” (Pêcheux, [1975] 1997, p. 162). Aproximadamente uma década depois, na obra *Gênese dos Discursos*, Maingueneau ([1984] 2008) reinveste na noção de interdiscurso, postulando o “primado do interdiscurso sobre o discurso” e formulando uma abordagem – sobretudo – metodológica distinta, o que não resulta em uma relação de mera complementaridade teórica. Para o autor, o interdiscurso é descrito a partir de uma tríade: o universo discursivo, conjunto das formações discursivas que interagem em dada conjuntura sócio-histórica; o campo discursivo, conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência (por exemplo, campo religioso, campo político, campo literário etc.); e o espaço discursivo, subconjunto de formações discursivas que, diante de uma questão de pesquisa, o analista de discurso julga relevante pôr em relação, isto é, um recorte pertinente às hipóteses levantadas em dada análise.

Para compreender, no quadro conceitual proposto por Maingueneau (2008), como a produção enunciativa é determinada pelas restrições de uma formação discursiva, é válido reservar algum espaço desta seção para a noção de semântica global. Com ela, o autor recusa o que chama de “monopólio das análises lexicológicas” (Maingueneau, 2008, p. 75), isto é, os vários “planos”, tanto da ordem do enunciado quanto da enunciação, podem e devem ser analisados considerando-se as mesmas restrições que caracterizam determinada FD. Sendo assim, não temos apenas um “vocabulário”, mas também uma intertextualidade, um escopo temático, uma dêixis enunciativa, um modo de enunciação, um modo de coesão, dentre outros elementos que Maingueneau integra a essa “semântica global”. Como se observa, trata-se de uma noção fundamental em termos metodológicos, na

medida em que se delineia, de certa forma, quais dimensões o analista pode articular para apreender o funcionamento de determinado discurso. Devido à delimitação proposta neste artigo, apenas dois desses elementos serão abordados mais explicitamente, já visando à análise que será empreendida: a intertextualidade e o modo de enunciação.

Em relação à intertextualidade como elemento da semântica global de uma FD, não se trata apenas de identificar relações entre textos e fragmentos eventualmente citados. É por isso que Maingueneau (2008) distingue “intertexto” de “intertextualidade”, sendo o primeiro tudo o que um discurso cita efetivamente, e o segundo, por sua vez, refere-se aos tipos de relações intertextuais definidas como legítimas em dado posicionamento. Assim, para essa perspectiva discursiva, o que está em questão não é o fato da citação em si, mas o modo como dada referência intertextual integra a semântica de um discurso, e como certos sentidos são legitimados a partir do fragmento citado.

O modo de enunciação, integrante da semântica global, refere-se a uma maneira de dizer que se configura como legítima em dada FD. Em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008) não faz menção explícita ao conceito de ethos, mas é possível compreender que há, na obra, um embrião da teorização do autor sobre o ethos no plano “modo de enunciação”. Assim, por ser uma dimensão pertencente à semântica global de um discurso, o modo de enunciação também se sujeita às mesmas restrições que funcionam na direção de delimitar a especificidade de uma formação discursiva.

Um pressuposto fundamental é o de que a identidade de um posicionamento dado se vincula, também, a um “tom”, que “se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e a de uma *corporalidade*” (Maingueneau, 2008, p. 92, grifos do autor). Funda-se, a partir de tal modo de enunciação, “a ‘incorporação’ pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros” (ibidem, p. 93). Com esse foco no modo de enunciação, a questão do ethos torna-se central. De acordo com Maingueneau (2020, p. 9), em todo o uso da linguagem, “[...] o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. [...] uma representação *avaliada*, pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados” (grifo do autor).

O conceito de ethos, na proposta teórica de Maingueneau, vincula-se ao que o autor denomina como “cenas de enunciação”, e é no interior dessas cenas complementares que se definem determinados papéis para o enunciador e o enunciatário: na cena englobante, tem-se o tipo de discurso, que enquadra pragmaticamente a enunciação (discurso político, religioso, jornalístico etc.); na cena genérica, figuram as restrições relativas ao gênero que é mobilizado em dada enunciação; por fim, a cenografia refere-se ao modo como uma cena de fala específica é instituída no discurso. Como será possível observar nas análises, as cenografias de “aula” e de “conversa entre amigos” funcionam, vinculadas ao ethos, nas pregações de Edir Macedo como forma de legitimar a argumentação empreendida.

Considerando que a questão do ethos – embora integrada por Maingueneau ao âmbito da Análise do Discurso – relaciona-se com os estudos da argumentação, e que este recorte de pesquisa se compõe de pregações, textos de “visada argumentativa” (Amossy, 2018), estabelece-se, no trecho final desta seção, um diálogo teórico com uma analista de discurso que tem se debruçado sobre a questão da argumentação, Ruth Amossy. Trata-se de um diálogo pertinente (e muitas vezes “concretizado” em textos da autora), visto que a própria teórica, ao propor a “Argumentação no Discurso”, parte, dentre outros fatores, de uma pergunta realizada por Maingueneau sobre a possibilidade ou não de delimitação dos enunciados que seriam “propriamente argumentativos”.

Para Ruth Amossy (2018, p. 12), a análise argumentativa pode apresentar-se como um ramo da Análise do Discurso, e isso se justifica porque:

Não há discurso sem enunciação (o discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do locutor), sem o que se poderia chamar “argumentatividade” ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir.

A autora, em *A Argumentação no Discurso*, antes e no decorrer de sua proposição de uma abordagem discursiva da argumentação, traça um panorama sobre as principais teorias que estudam ou estudaram a argumentação ao longo da história. Referências à Nova Retórica ou aos enfoques conversacionais, por exemplo, são realizadas por Ruth Amossy tanto para demonstrar a especificidade da abordagem discursiva da linguagem, quanto para levantar conceitos, como o ethos e a doxa, que, embora não tenham surgido na Análise do Discurso, podem vir a ser abordados dentro desse quadro teórico. É o que a autora faz quando discorre sobre a importância argumentativa da doxa e do auditório: “É somente ao basear seu discurso em premissas já aprovadas por seu público que o orador pode conquistar a adesão. Ora, para selecionar com sensatez essas premissas, é preciso fazer hipóteses sobre as opiniões, as crenças e os valores daqueles a quem ele se dirige” (Amossy, 2018, p. 54). Ao considerar que o próprio auditório é uma “construção do orador”, uma abordagem discursiva especifica-se por visualizar essa “construção” sob a ótica das representações que caracterizam determinado funcionamento ideológico.

A consideração sobre a doxa – noção que, assim como o ethos, também não tem sua gênese no interior da AD –, se faz pertinente, pois ela possibilita refletir sobre como opera a crença comum, a opinião popular em um determinado grupo social. Segundo Amossy (2018, p. 54), “adaptar-se ao auditório é, antes de mais nada, levar em conta sua *doxa*”. No caso desta pesquisa, o líder religioso, ao enunciar, faz suposições, antecipações sobre seu auditório, em relação àquilo que se deseja ouvir, às crenças que julga serem compartilhadas. “É, pois, pelo fato de querer agir sobre interlocutores, cujas reações decorrem de um sistema de crenças prévias, que o orador deve levar em conta seu público, mesmo na ausência total do face a face” (Amossy, 2018, p. 54). Em uma perspectiva discursiva, deve-se ressaltar não meramente os “tipos” de argumentos mobilizados, mas, sobretudo, como determinadas representações sobre as crenças partilhadas deixam marcas materiais na organização do discurso, o que demanda um olhar atento para o modo como se enuncia e, complementarmente, ao ethos engendrado.

Uma formação discursiva que integra um campo – neste caso, o religioso – submete-se, necessariamente, às restrições desse campo; e, quando se refere especificamente ao Cristianismo, as FDs que entram em concorrência para preencher a função social em questão – indicar o caminho certo para que o fiel encontre a salvação e aproxime-se de Deus – têm à sua disposição uma série de gêneros textuais, escritos ou orais, que, em geral, resultam em textos com “visada argumentativa”<sup>4</sup>, isto é, com uma finalidade manifesta de agir persuasivamente sobre o outro, modificar comportamentos. É o que se observará, na próxima seção, com a análise de enunciados encontrados em pregações de Edir

---

<sup>4</sup> Para Amossy (2018), há os textos com visada argumentativa, que são reconhecidos mais frequentemente como “argumentativos”, mas há também textos com dimensão argumentativa, pois a argumentatividade, segundo a proposta da autora, seria constitutiva de todo e qualquer discurso.

Macedo, considerando-se, dentre outros fatores, a projeção realizada em relação ao auditório e o movimento interpretativo da Bíblia pautado na Teologia da Prosperidade.

Embora questões metodológicas já se articulem a algumas discussões realizadas no decorrer desta seção, é importante retomá-las brevemente, a fim de que se fortaleça a conexão entre os conceitos e o exercício de análise: 1) quanto ao recorte desta análise, pertencente a um *corpus* mais amplo, sua constituição não é previamente dada, isto é, para que determinados vídeos fossem selecionados, uma questão de pesquisa foi formulada, e ela se relaciona ao modo como o discurso da Teologia da Prosperidade, inserido na atual conjuntura sócio-histórica, “justifica” as solicitações de dízimos e ofertas; 2) definidos os vídeos, o olhar para o texto e, especificamente, para seus elementos argumentativos, não apreende a enunciação sob a perspectiva da “estratégia” do enunciador, visto que, para a Análise do Discurso, é a inscrição do sujeito em dado posicionamento que restringe o quê e o como dizer; 3) especificando ainda mais a entrada metodológica na análise, sublinhou-se a proposta da semântica global (Maingueneau, 2008), pois ela aponta ao analista alguns dos planos, já mencionados nesta seção, a partir dos quais o funcionamento de um discurso pode ser observado; 4) por fim, considerando-se, quanto ao objeto, a pertinência da discussão de noções como ethos, doxa e auditório, articula-se a argumentação a uma abordagem discursiva, que, segundo Amossy (2018, p. 274), explora “a maneira pela qual a palavra oral ou escrita age sobre o outro, ora levando-o a tomar uma posição, ora orientando sua visão do real”.

Ao se relacionar discurso e argumentação, uma questão, relativa especificamente ao objeto em tela, ressoa: os fiéis da IURD precisam ser “convencidos”? Trata-se de uma problematização oportuna e, para discuti-la, ao menos brevemente, pode-se recorrer ao modo como Amossy (2018, p. 47) define argumentação, associando-a aos “meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece”. A argumentação, portanto, não pode ser reduzida ao convencimento ou à adesão. Sobretudo, em um campo discursivo – o religioso e, mais especificamente, o evangélico – de acirrada concorrência entre posicionamentos, com novas denominações surgindo dia a dia, as igrejas não cessam de reforçar aquilo que as legitima diante dos fiéis, e, em se tratando de dízimos, esse funcionamento se amplifica, pois o fiel, que eventualmente já está em dada igreja, precisa, em certa medida, ser convencido continuamente de que seus “investimentos” podem gerar algum retorno.

### 3. Análise: a argumentação relativa ao dízimo na IURD

A seguir, antes da análise propriamente dita, estão as duas transcrições dos trechos selecionados. Os vídeos estão disponíveis na plataforma Youtube<sup>5</sup>, no canal do Bispo Edir Macedo e no canal da Igreja Universal do Reino de Deus, respectivamente. Ambos foram gravados na Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo. O primeiro foi postado em 16 de setembro de 2013 (indicando como data da gravação o dia 20 de agosto de 2012) e o segundo em 05 de fevereiro de 2014 (sem a indicação da data exata de gravação).

Vídeo 1 – “Palavra amiga do Bispo Macedo – o significado do dízimo”

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EovGFP26b60> e <https://www.youtube.com/watch?v=e2JyWcEF-s0&t=1s>. Acesso em 10 dez. 2020.

15s a 2min 35s **[Edir Macedo]** – Presta atenção: Você que é dizimista e você que não é dizimista que deseja sê-lo e quer uma razão pra ser dizimista. Que é o dízimo? Que que significam os dízimos? Condição que Deus exige para que nós nos voltemos para ele. É isso mesmo: Deus exige que nós apresentemos os dízimos como porta de entrada para o Trono de Deus. Se você não sabia disso, fique sabendo. Por que, ô Bispo? O dízimo são as primícias. Antes da lei de Moisés, antes da lei de Moisés, já havia a lei dos dízimos, a consciência do dízimo. Abraão pagou dízimo a Deus, pagou o dízimo a Melquisedeque, que era sacerdote. E quando Adão e Eva tocaram naquela árvore, naquele fruto da árvore no Jardim do Éden, eles tocaram no dízimo de Deus. Eles tocaram naquilo que não lhes pertencia. Por que, ô Bispo? Por que Deus tem nos dízimos algo tão importante? Porque o dízimo representa fidelidade, ninguém jamais em sã consciência é capaz de pagar o dízimo, de tirar os primeiros 10% e trazer na casa de Deus se não tiver fé na existência de Deus. É verdade ou não é, pessoal?

2min 36s: [auditório] – É verdade.

2min 37s a 6min 52s: **[Edir Macedo]** – Você acha que um incrédulo paga dízimo? Ele acha um absurdo. Mesmo esses cristãos de papel, tampouco tem essa fé de pagar dízimo, porque acha um absurdo. “Já me desconta tanto do meu salário”. Mas o que você não sabe e que precisa saber e ter consciência, que dízimo não é dinheiro, o dízimo significa o seguinte: que você pertence a Deus, que Deus é o primeiro na sua vida, que o Senhor Jesus é o primeiro na sua vida. Por isso, são os primeiros 10% que nós apresentamos a Deus, os primeiros 10%. Se você gasta os primeiros 10% consigo. Você recebeu o salário e os primeiros 10% você gastou consigo, e pegou os 90% restante e trouxe na igreja, você vai ser considerado tão ladrão quanto aquele que não paga o dízimo; porque não tem nada a ver com oferta, não tem nada a ver com montante, tem a ver com a fidelidade daquele que pertence a Deus. Por exemplo: Eu posso pagar o dízimo pelo meu filho, pela minha filha? Não, eu não posso. Ele é que tem que pagar o dízimo por ele, ela que tem que pagar o dízimo por ela. O dízimo é algo pessoal. Dízimo não é oferta, dízimo é algo de foro íntimo, que você traz dentro de si. É uma questão de fé, de fé nesse Deus invisível. É isso que significa dízimo. Agora, o que ele mais representa? Ele representa você, você quando traz o dízimo a Deus, na realidade, você é o dízimo. Deus olha pra você como dízimo, você é considerado como primogênito. Você sabe que primogênito, primícias, primeiro filho é tudo a mesma coisa, dízimo é tudo a mesma coisa. Quando nós apresentamos o dízimo, nós estamos apresentando a nossa vida diante de Deus. Quer dizer: Aqui Senhor, Tu me deste sabedoria pra ganhar dinheiro, o Senhor me deu ar, água, vida, enfim: o Senhor me deu as condições para ganhar o que eu ganhei, aqui estão os primeiros frutos do meu trabalho. Você está honrando a Deus, você está considerando o Senhor, esse Deus invisível, você está considerando como Senhor de sua vida ainda que você não o veja. Isso é questão de fé. Ora, quando você faz isso, você está dizendo: “Meu Deus, eu sou o dízimo que o senhor colocou aqui na terra”. Quer dizer: da forma como você é o dízimo para Deus, então, Deus o considera como filho, como pessoa dele, como alguém que Ele tem colocado a sua própria unção, a sua própria autoridade sobre a terra. Deus considera você em primeiro lugar. Deus tem muitos filhos, mas cada filho é um primogênito, é uma primícia de Deus. 6min 53s a 7min 35s[...].

7min 36s a 7min 45s: **[Edir Macedo]** – Se você considera Deus em primeiro lugar, saiba que Ele considera você em primeiro lugar para ele. 7min 46s a 7min 58s [...].

7min 59s a 12min 50s: **[Edir Macedo]** – Quando você é dizimista, você tem a autoridade para fazer negócios lícitos, corretos, legais, você fazer em nome de Deus e você será próspero, abençoado porque você é um dizimista, você é um consagrado a Deus. No livro de Jeremias, Deus fala, eu vou ler pra você aqui agora, se você quiser acompanhar comigo, Jeremias capítulo 2, ele diz assim, Jeremias 2 e versículo 3 diz assim: “então, Israel era consagrado ao Senhor”. Consagrado quer dizer, era de propriedade de Deus. Consagrado quer dizer propriedade de Deus, dedicado a Deus, uma pessoa consagrada a Deus é uma pessoa de Deus, ela é de Deus, ela pertence a Deus, ela pertence ao Senhor. [Continua a leitura da Bíblia]: “Israel era consagrado ao Senhor e era as primícias de sua colheita”. Quer dizer, Israel era o próprio dízimo. Os dizimistas, na realidade, quando pagam o dízimo, quando são fiéis a Deus, eles se identificam diante de Deus como o próprio dízimo, por isso eles têm o direito de cobrar de Deus o que Ele prometeu. Por isso Deus fala na sua Palavra: “Provai-me se Eu não vos abrir as janelas dos céus e derramar sobre vós bençãos sem medida”. Você pode provar a Deus a qualquer hora no que diz respeito a dízimos e ofertas, a qualquer momento. Se você tiver fé, você pode ter certeza que você vai conquistar porque não sou eu, não é uma ideia minha, é o que está escrito na Palavra de Deus [colocando o dedo na Bíblia], você [apontando para o público] pode ler na Bíblia evangélica e na Bíblia católica, tá escrito a mesma coisa. Agora, claro, quem tem fé faz, aceita o desafio, quem não tem não faz, também não recebe. Compreendeu? Sim ou não? Todas as noites nós estaremos fazendo o programa ao vivo pela Rede Aleluia ensinando o que que significa dízimo, porque tem muita coisa aqui que diz respeito à sua vida. Quando se fala em dízimo, não estamos tratando de dinheiro, 10%, décima parte do meu salário, não. Está se tratando da sua vida por inteiro diante de Deus, diante do inferno e diante do mundo. Por isso, Deus fala sobre a diferença, você tem que ser diferente, eu tenho que ser diferente, nós temos que ser diferentes, nós não podemos ser iguais aos outros, nós temos que ser

diferentes. Nós não podemos ser iguais aos outros. Quem é de Deus é diferente daqueles que não são de Deus. E ele mesmo, Deus, disse: “Outra vez vereis a diferença entre os que servem a Deus (os dizimistas e ofertantes) e aqueles que não servem”. Não é só o ofertante não, não é que, você pode dar até 90 % de oferta, mas se você não é dizimista, então você não está enquadrado, você não está enquadrado dentro dos dizimistas. Você tem quer dizimista. Obrigatoriamente, tem que ser dizimista se você quiser ser a própria bênção. Mas, se você quiser receber a bênção, seja ofertante. O ofertante tem o direito de receber a bênção (limitada, é claro), mas o dizimista tem as janelas abertas sobre a cabeça dele, a vida dele por toda a vida, tá bem? Compreenderam o que eu tô falando? Nós vamos falar mais a respeito desse assunto no futuro.

#### Vídeo 2 – “A oferta representa sua alma”

1s a 3min 44s: **[Edir Macedo]** - Que que é o casamento? O casamento não é uma entrega de um para com o outro? Não é isso? E por que que existe o casamento? Por que que é a instituição do casamento? Não deveria haver se não houvesse uma importância. É que cada um quer ter (o seu) a sua costelinha. É ou não é? Cada um quer ter seu parceiro, sua parceira. Cada um quer ter a sua família, quer ter o seu lar, cada um quer ter alguém pra que cuide de si pelo resto da sua vida. Mas para que isso aconteça, é preciso dar. E esse dar é o amor, você dá a sua vida. Você empenha a sua vida para a outra pessoa, entrega sua vida para outra pessoa por toda a vida por conta do sentimento que está dentro de você. Então, esse amor que tem dentro de você, esse sentimento, faz você se comprometer pelo resto da sua vida com uma única pessoa. Isso é o que? Amor, isso é o símbolo. A sua entrega é um símbolo daquilo que está dentro de você para outra pessoa. Concorde comigo? Concorde ou não concorda? É assim. Então, por conta desse sentimento que é simbolizado pela oferta, você tem um filho, uma filha, e você presenteia e dá o melhor pros seus filhos porque você quer demonstrar o sentimento que está dentro de você. Se não houvesse necessidade de você demonstrar com fatos (com fatos), você diria só assim: “Eu te amo”. Pronto, acabou. Mas não, você quer mais, você exige mais, o seu sentimento diz: não, eu quero te dar uma coisa, eu quero te presentear. O que que você quer? Não é assim? É ou não é? Então, a oferta e o dízimo representam a sua, a minha vida, a nossa alma, o nosso espírito... no altar de Deus; e quando você colocar a sua oferta aqui, a sua vida, você vai pegar a vida de Jesus através do corpo e do vinho. Quer dizer: há uma troca, uma entrega. Você dá a sua vida e você recebe a vida de Deus; aquilo que você der vai ser medido da forma como você deu. É o que Jesus também fala lá em Lucas capítulo 6: 38, Ele diz assim: “Da maneira com que medis vos medirão também”. Quer dizer, da forma como você dá, você vai receber; da forma como você dá, você vai receber. Da forma como eu dou, eu recebo.

No primeiro vídeo, o título traz uma expressão metaenunciativa, “palavra amiga”, que se repete em outros títulos de vídeos do canal de Edir Macedo. Com essa expressão, já se “enquadra” de antemão como a pregação deve ser recebida: trata-se de um pastor falando a fiéis, mas também de um amigo, que proporciona uma conversa reconfortante, alentadora. Há algo próximo de um ethos dito – ou seja, por meio de uma designação explícita – e essa imagem de enunciador, ao menos de início, é a do “amigo”.

A relação enunciador-enunciatário vai, aos poucos, se reconfigurando, tendo em vista que, no decorrer do vídeo, predomina um tom professoral. A cenografia anunciada pelo título, de uma conversa franca entre amigos, cede palco para uma “aula”, em que o enunciador vai se mostrando como aquele que domina determinado conhecimento, ao mesmo tempo em que projeta nos fiéis a condição de inscientes, que buscam na igreja um lugar de aprendizagem. O ethos didático que constitui o mencionado tom professoral se materializa por meio de diversos elementos verbais e, mais amplamente, semióticos. No que diz respeito à linguagem corporal, as mãos se juntam com os dedos se encontrando lentamente, como se cada enunciado introduzisse um raciocínio complexo e digno de atenção; o olhar frequentemente se move por cima dos óculos, como se a sua sabedoria estivesse permitindo, ao mesmo tempo, expor o conhecimento e observar as reações do auditório; o Bispo olha para o alto certas vezes em que pronuncia “Deus”.

No âmbito da produção verbal, o tom professoral se reforça com as perguntas que Edir Macedo faz em sua fala para serem respondidas por ele próprio, por exemplo em: “Que é o dízimo?”. Em outros

momentos, a pergunta chega a simular a voz do enunciário, projetado como aquele aprendiz inquieto com o que vai sendo ensinado: a questão “Por que, ô Bispo?” é usada em dois momentos, sempre com expressão de certa angústia (além da entonação ascendente característica da interrogação, a intensidade da voz é diminuída nessas simulações da voz do “aluno”). Três vezes, a pergunta “Compreende o que eu estou falando? Sim ou não?”, com algumas pequenas variações, é repetida, como ocorre com regularidade em situações de ensino-aprendizagem, corroborando a hipótese de que uma cenografia de aula constituiria a pregação em questão. Há, inclusive, um momento em que o Bispo age, considerando a pausa na pronúncia da frase, como aquele professor que pede aos alunos que completem em voz alta uma sentença que sintetizaria dado conteúdo: “Israel era o próprio... dízimo”. Perto da conclusão do trecho transcrito, a enunciação é explicitamente designada como um ato de ensinar, vindo a reforçar a constituição do ethos do enunciador como um sujeito que detém conhecimento e que está sendo generoso ao compartilhá-lo: “Todas as noites estaremos fazendo o programa ao vivo pela Rede Aleluia *ensinando* o que significa dízimo” (grifo nosso).

Acima, foram realizadas algumas considerações relativas ao modo de enunciação, que é elemento fundamental na argumentação, tendo em vista que concerne à produção de uma imagem legítima ao enunciador; porém, é necessário sublinhar que esse ethos se inscreve em uma formação discursiva específica: um posicionamento do campo religioso, mais precisamente no âmbito do Cristianismo, que se caracteriza por se pautar na Teologia da Prosperidade. É sobre isso que se pretende discorrer a seguir.

Faz-se presente, em muitos enunciados, a constituição de certa espiritualização do dízimo, e isso atua argumentativamente para destituir, em certa medida, o primado de uma relação material, sendo a necessidade de dar o dízimo de ordem divina, espiritual. Quando o Bispo enuncia, novamente tematizando a própria enunciação, “não estamos falando de dinheiro”, retira-se o dízimo da esfera material, ao mesmo tempo em que há uma relação de troca através da formulação recorrente de orações condicionais, pois se mostra, na tessitura discursiva, que não se trata de “dar” somente de boa vontade, mas claramente de “trocar”. O dar passa, gradualmente, de um ato espiritual (dar-se, entregar-se a Deus) para uma relação “comercial” com Deus: eu dou, Tu me dás. Isso se observa nas passagens em que se fala sobre a suposta dívida que Deus contrai em relação àqueles que são dizimistas: “O ofertante tem o direito de receber a benção (limitada, é claro), mas o dizimista tem as janelas abertas sobre a cabeça dele sobre a vida dele por toda a vida”. Esse trecho ainda produz a distinção entre os dizimistas fiéis e ofertantes esporádicos, o que engendra uma tipificação/classificação dos fiéis em graus maior ou menor de valor perante Deus.

O trecho a seguir é bastante significativo para a legitimação de uma certa relação com Deus na semântica constituída pelo discurso da IURD, em forte vínculo com a Teologia da Prosperidade:

No livro de Jeremias, *Deus fala*, Jeremias capítulo 2:3. Ele diz assim: “então Israel era consagrado ao Senhor”, consagrado quer dizer, era de *propriedade* de Deus, dedicado a Deus, uma pessoa consagrada a Deus é uma pessoa de Deus, ela *pertence* a Deus, ela *pertence* ao Senhor, “e era as primícias de sua colheita”. Quer dizer, Israel era o próprio dízimo, os dizimistas na verdade quando pagam o dízimo, quando são fiéis ao Deus, eles se identificam perante a Deus como o próprio dízimo, por isso eles têm *o direito de cobrar* de Deus o que ele prometeu (grifos nossos).

Em primeiro lugar, deve-se destacar que, se há uma relação “comercial” com Deus, ela é constituída, no discurso, aparentemente sem a presença de intermediários: “Deus fala”; e, em outros dois momentos, “Deus exige” (com pronúncia salientemente aguda da sílaba tônica). Ou se apaga tal

intermediário, por meio da colocação de Deus como sujeito da oração, ou a Igreja é lida como equivalente a Deus (se ela recebe, é Deus quem está recebendo). Também é relevante no trecho acima a recorrência de alguns itens lexicais que denotam relações materiais de posse. Por exemplo, “ser consagrado a” é parafraseado pelo Bispo como “ser propriedade de”, em que a palavra propriedade ajuda a sintetizar parte do funcionamento desse discurso. Um pouco depois, os usos reiterados do verbo “pertencer” reforçam, novamente com a dinâmica de posse, o discurso da Teologia da Prosperidade. Como contrapartida do estado de pertencimento ao Senhor, os dizimistas teriam “o direito de cobrar”, sendo Deus, nessa “negociação”, o devedor.

Com relação ao vocabulário como dimensão constitutiva de determinada formação discursiva, Maingueneau (2008, p. 80) argumenta que não se trata de haver um léxico próprio de um discurso e, por isso, a unidade pertinente não é a palavra em si. Segundo o teórico, “o mais frequente é que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos”. Nesse sentido, não é simplesmente porque aparecem palavras como “cobrar”, “pertencer” e “propriedade” que se pode afirmar, taxativamente, que se trata do discurso da Teologia da Prosperidade; porém, se o entorno, por assim dizer, dessas palavras for observado, é possível apreender dada exploração semântica e, neste caso, muitos elementos apontam para as relações materiais de posse. Inclusive, a fala do pastor, no vídeo em questão, é realizada com uma maquete do Templo de Salomão, atual sede da Igreja Universal, ao fundo. À época, ele não havia ainda sido finalizado e seu custo foi estimado em 680 milhões de reais<sup>6</sup>. Símbolo de magnitude, imponência e suntuosidade, ele não deixa de integrar o universo semântico que o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus instaura.

Ainda em relação ao último trecho citado em recuo, há a referência, no livro de Jeremias, às “primícias”. Quando o Bispo explica o que seriam as primícias, o movimento argumentativo contém um recurso que Marie-Anne Paveau (2013, p. 171) classificaria como lexicografismo, “uma definição lexicográfica espontânea e subjetiva construída no discurso sem referência a um instrumento lexicográfico ou a uma aparelhagem teórica, mas que pretende estar no lugar dela e que depende de uma lexicografia popular”. Isso acontece quando Edir Macedo explica: “Primogênito, primícias, primeiro filho, é tudo a mesma coisa”. Observa-se que o enunciador, para garantir validade à sua argumentação, apoia-se na parte inicial em comum das palavras e, conseqüentemente, em uma autoridade que seria da própria língua.

No trecho a seguir, também do primeiro vídeo, novamente a questão da língua e, em especial, de uma suposta transparência das palavras, vem à tona:

Não sou eu, não é uma ideia minha, é o que está escrito na palavra de Deus [colocando o dedo na Bíblia], você [apontando para o público] pode ler na Bíblia evangélica e na Bíblia católica, tá escrito a mesma coisa. Agora, claro, quem tem fé faz... aceita o desafio, quem não tem não faz... também não recebe.

Para a análise desse excerto, é importante ressaltar um conceito apresentado na seção teórica deste artigo: o interdiscurso. Um posicionamento, no interior de um campo discursivo, entra em concorrência com outras FDs para preencher a mesma função social. Ao mencionar a Bíblia católica e a Bíblia evangélica, o movimento que o enunciador realiza é o de dissimular, invisibilizar a própria existência de contradições no interdiscurso, na medida que “o que está escrito” é, de modo transparente, “a mesma coisa”. Legitima-se o lugar desse posicionamento trazendo um Outro (a Igreja

<sup>6</sup>

Disponível

em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2014/07/29/obra-de-templo-da-universal-tem-avara-de-reforma.htm>. Acesso em 05 jan. 2020.

Católica), mas, ao mesmo tempo, domesticando-o, afinal, nada de especial seria acrescentado por essa outra versão bíblica.

O trecho ainda reforça o apagamento do “intermediário” na relação caracterizada anteriormente como uma espécie de trato comercial. O Bispo afirma categoricamente: “Não sou eu, não é uma ideia minha”. Dessa forma, indica-se ao fiel que ele negociará diretamente com Deus. O uso do verbo “receber” em “quem não tem [fé] não faz... também não recebe” apresenta um funcionamento semelhante ao que foi descrito em relação a um vocabulário que se vincularia a bens materiais, a posses. O complemento de “receber”, que não é dito, poderia ser conjecturado, fora de contexto, como uma recompensa espiritual; mas, no vídeo, as relações de sentido frequentemente retornam às questões materiais. O “apagamento” da figura intermediadora também se associa a um funcionamento do ethos, pois, se o Bispo mantém um tom professoral, isso significa que ele não tira “do nada” seus argumentos, isto é, haveria todo um estudo que o legitimaria a falar dessa forma.

No segundo vídeo, intitulado “A oferta representa sua alma”, o Bispo Macedo está de camisa social e gravata, como no primeiro vídeo, mas, desta vez, porta uma longa barba. Esses trajés, recorrentes em pastores, diferenciam-se dos de um padre, por exemplo, e “inserir” o fiador, em certa medida, na ordem das relações ordinárias, cotidianas, inclusive, as do mundo dos negócios. A barba, por sua vez, no contexto religioso, pode remeter à sabedoria, à figura de um ancião que detém um conhecimento precioso. Remete-se, aqui, à corporalidade do ethos (Maingueneau, 2020), que funciona a partir dos estereótipos que circulam em uma sociedade.

O enunciado “é preciso dar”, realizado quase como uma aforização<sup>7</sup>, é fundamental à pregação em questão. Deve-se ressaltar a opacidade característica dos enunciados de um discurso, na medida em que os sentidos se produzem no fechamento de determinadas restrições semânticas, sócio-historicamente delimitadas. Em “é preciso dar”, tem-se um verbo que, ao significar “transferir/conceder algo para alguém”, seria transitivo direto; porém, seu objeto não é dado no interior da sentença. A opacidade, portanto, é reforçada pela própria sintaxe do enunciado, sendo que, dadas as condições de produção desse discurso, “o dízimo”, “dez por cento dos rendimentos mensais” aparecem como opções de complemento prováveis, mesmo não ditas. Em enunciados posteriores é que Edir Macedo retoma o verbo e o complementa: “Esse dar é o amor, você dá a sua vida”. Quebra-se certa expectativa relacionada a algo material como o objeto do verbo; no entanto, logo depois, por um processo parafrástico, o próprio enunciador “traduz” o sentido de “dar” no interior de seu discurso: “Quero te dar uma coisa, eu quero te presentear”. Nota-se que o verbo é parafraseado por presentear. No âmbito dos discursos, portanto, não se trata de identificar os sinônimos “de dicionário”, e sim o modo como os próprios discursos fundam certas relações sinonímicas.

A emergência do verbo “presentear” decorre de uma analogia que o Bispo realiza entre dar o dízimo e dar presentes aos filhos. Haveria uma necessidade de presentear os filhos, e isso pode ser compreendido, no vídeo, como dar bens materiais, afinal, se não houvesse essa necessidade, nas palavras de Edir Macedo, “você diria só assim: Eu te amo, pronto, acabou”. Vale retomar um dos complementos ditos anteriormente no vídeo pelo enunciador em relação ao verbo dar: “o amor”. Se falar “eu te amo” não é suficiente na relação entre pais e filhos, o “amor” dado a Deus, tendo em vista a analogia instaurada, também deve, como efeito, deixar o domínio da abstração: o dízimo, riqueza material, concretizaria (ou provaria) esse amor.

<sup>7</sup> Maingueneau (2014) analisa a questão das aforizações em associação, dentre outros fatores, à propriedade de destacabilidade de certo fragmento em relação ao texto do qual faz parte (há, ainda, aforizações que já nascem “independentes”). Em “É preciso dar”, a afirmação generalizante, não especificamente situada, corroboraria certa destacabilidade.

Assim como no primeiro vídeo, em que foi destacada a recorrência de itens lexicais como “cobrar”, e “receber”, partes da segunda pregação também reforçam a produção de uma relação com Deus que se constituiria por uma espécie de trato comercial. No trecho, “quando você *colocar a sua oferta aqui*, a sua vida, você *vai pegar* a vida de Jesus através do corpo, através do vinho. Então quer dizer há *uma troca*, há uma entrega” (grifos nossos), por exemplo, repete-se a dinâmica caracterizada por “colocar a oferta” e “pegar algo em troca”.

O “quando”, que inicia a última citação, adquire um funcionamento particular no interior desse discurso, como ver-se-á adiante. Algo semelhante ocorre em outro excerto do primeiro vídeo: “Quando você é dizimista, você tem a autoridade para fazer negócios lícitos, corretos, legais, você fazer em nome de Deus e você será próspero, abençoado porque você é um dizimista, você é um consagrado a Deus”. É possível observar a relação entre dar dízimo e ser bem-sucedido, o que sugere a relação existente entre o enunciar e o saber para quem se está falando, quais as suas crenças, valores (trata-se, em outras palavras, de levar em conta a doxa). O público quer ser bem-sucedido financeiramente; mais do que dar, ele quer receber, e se precisa dar para receber, ele o fará. Ruth Amossy (2018, p. 55) reflete sobre esse funcionamento no qual o enunciador apoia-se em um “conhecimento prévio” (concebido como representação imaginária, e não como acesso direto ao outro) do público, mesmo este estando ou não presente fisicamente: “A presença daqueles aos quais o discurso se dirige não dispensa o locutor de construir seu auditório”. O pesquisador Luiz Felipe Waitz reflete sobre essa necessidade dos fiéis da IURD:

O público que se avoluma diante do altar neopentecostal não deseja somente aumentar a renda e tornar a vida mais confortável. Busca mais: tornar-se senhor de si próprio, um sujeito independente e senhor do próprio destino. Não se tratava de aumentar a renda do salário, mas de ter a sua própria renda, fruto do próprio negócio. O conforto da vida foi substituído pelo desejo de luxo, consumo de bens duráveis e não duráveis que estabeleciam o sujeito como ascendente na simbologia social. (Waitz, 2019, p. 50).

O trecho da pregação citado anteriormente, apesar de composto por, a princípio, uma oração subordinada adverbial temporal – “Quando você é dizimista” –, acaba tendo o funcionamento de uma oração adverbial condicional, pois o que se estabelece é uma relação de condicionalidade entre fazer algo e receber em troca. Esse fenômeno acontece também quando o Bispo diz: “Você dá a sua vida e você recebe a vida de Deus”. Nesse trecho, há um efeito de consecutividade, apesar de as orações estarem ligadas por uma conjunção (geralmente classificada como) aditiva. Nota-se que o que funciona, na prática, é a relação de condicionalidade (ou causa/consequência) que parece significar: “se você der a sua vida (através do dízimo), você receberá a vida de Deus”.

A intertextualidade, em cultos da IURD e de outras denominações religiosas cristãs, acontece principalmente em relação a citações da Bíblia, que é considerada a Palavra de Deus, e todo embasamento evangélico parte desse “ponto de origem”. No caso da presente análise, porém, o que importa observar não é meramente a identificação do intertexto em si (qual é ele, de onde vem, se ele é citado de forma direta ou indireta, por exemplo), mas como o enunciador “modula” a superfície textual citada para sustentar um determinado argumento, afinal, não é exclusividade da IURD a citação a textos bíblicos. Tal modulação não está sendo apreendida, aqui, como uma espécie de mascaramento ou distorção do sentido “verdadeiro”, e sim como um movimento de “filtragem”, que, para Maingueneau (2008, p. 111), “[...] anda frequentemente de mãos dadas com outro procedimento, o do comentário”. Em outras palavras, cada formação discursiva “filtra” o que é legítimo citar e, para corroboração do que

parece, a princípio, ser evidente, comenta os trechos citados, conferindo-lhes um alinhamento à semântica que especifica o discurso. No vídeo 1, por exemplo, relaciona-se o não dizimista a um pecador similar a Adão e Eva. É apresentado o texto, do livro de Gênesis, em que se narra o momento que, supostamente, teria dado origem ao pecado. O Bispo Edir Macedo enuncia: “No jardim do Éden, Eva e Adão pecaram ao tocar no fruto proibido”. Embora a teologia moderna possa entender o episódio como o conhecimento da relação sexual entre homem e mulher, não há relação explícita com o ato de pagar dízimos ou ofertas. Edir Macedo comenta essa passagem, fazendo-a deslizar para outros contextos: pessoas não dizimistas seriam, por analogia, pecadoras.

Essa dupla filtragem/comentário também pode ser observada no segundo vídeo, quando é realizada a referência ao livro de Lucas: “é o que Jesus fala lá em Lucas 6:38. Ele diz assim: ‘da maneira com que medis vos medirão também’”. A fim de reunir elementos para a análise dessa referência intertextual, cita-se abaixo Lucas, 6:19-41:

19 E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude, e curava a todos. 20 E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. 21 Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. 22 Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. 23 Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas. 24 Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação. 25 Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis. 26 Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas. 27 Mas a vós, que isto ouvís, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam; 28 Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. 29 Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses; 30 E dá a qualquer que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir. 31 E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também. 32 E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. 33 E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. 34 E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto. 35 Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus. 36 Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso. 37 Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão. 38 *Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.* 39 E dizia-lhes uma parábola: Pode porventura o cego guiar o cego? Não cairão ambos na cova? 40 O discípulo não é superior a seu mestre, mas todo o que for perfeito será como o seu mestre. 41 E por que atentas tu no argueiro que está no olho de teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho? (grifos nossos)

O Bispo, na relação intertextual que estabelece, filtra especificamente o versículo 38 do capítulo 6 do livro de Lucas. Porém, não é explícita, ao menos à primeira vista, a associação entre essa passagem bíblica e a coleta de dízimos e ofertas, afora a questão teológica que não cabe aqui analisar. O versículo, isoladamente, trata de equivalência de medidas, algo que se alinha com facilidade ao universo semântico da troca comercial, já descrito anteriormente. Os versículos 24, 25 e 35, embora estejam no mesmo capítulo, pouco antes do versículo trazido por Edir Macedo, acabam sendo “apagados” na

pregação, dado que poderiam colocar em xeque a argumentação que se empreende. O diálogo do versículo citado estabelece-se, dessa forma, não com os versículos anteriores do texto-fonte, mas com os enunciados da própria pregação. O verbo “dar”, presente no versículo da Bíblia, é ressignificado no contexto do culto, pois nele já havia se estabilizado um sentido determinado nos enunciados produzidos pelo Bispo: trata-se, de “dar o dízimo”, ou seja, o complemento acaba “prendendo-se”, de certa maneira, ao verbo, visto que a sequência enunciativa o impõe com regularidade. Portanto, não é o fenômeno da intertextualidade em si que interessa ao analista de discurso, mas sim o que dada formação discursiva torna legítimo citar, além das relações de sentido que são estabelecidas com o texto que “acolhe” a referência intertextual.

Vale destacar, também, na argumentação relativa ao dízimo, o recurso a verbos que indicam imperatividade, ordem, mesmo não estando no modo imperativo, como em “Deus exige”. O verbo em questão denota autoridade do enunciador e, do modo como o discurso se formula, quem exige não é o pastor, não é Edir Macedo, é Deus, movimento este descrito anteriormente neste artigo em relação à suposta presença de um “intermediário” do trato comercial, bem como seu “apagamento” em dados momentos. Mais uma vez, retira-se os dízimos do plano carnal e material. Deus é a autoridade do Cristianismo, o que faz com que aquilo que é exigido por Ele adquira um lugar livre de contestações.

Para Plantin (apud Amossy, 2018, p. 196) “O catecismo retórico nos ensina que a persuasão completa é obtida pela conjunção de três ‘operações discursivas’. O discurso deve ensinar, agradar, tocar (docere, delectare, movere): pois a via intelectual não é suficiente para desencadear a ação”. Apenas a razão não seria suficiente para modificar um comportamento (ou manter a adesão) de um auditório; é necessário que ele se sinta emocionalmente tocado. No segundo vídeo, por exemplo, ao se falar em casamento, amor, filhos, é realizado um apelo aos sentimentos, mobiliza-se o pathos, isto é, as disposições emocionais do auditório (que, junto ao ethos e ao logos, constituía uma tríade na Retórica Clássica). O casamento consiste na instituição mais importante do Cristianismo, a relação homem-mulher é considerada sagrada, e o amor Eros é suscitado nos enunciados, assim como o amor Filios e Storge relacionados respectivamente aos filhos e à família, e ainda o Ágape, amor de Deus. Esses elementos afloram o emocional, fortalecendo a argumentação que o Bispo empreende. Esse fortalecimento apoia-se em uma doxa na qual se estabiliza uma noção de família supostamente valorizada pelo auditório. Para Amossy (2018 p. 55), a argumentação funda-se em “opiniões dominantes”, “convicções indiscutíveis” – aspas da própria autora, o que sugere a dominância e a indiscutibilidade como constituídas, não como universais ou “espíritos de época”, mas a partir de dado posicionamento.

#### **4. Considerações Finais**

Para Maingueneau (2008, p. 22), “o discurso não deve ser pensado somente como um conjunto de textos, mas como uma prática discursiva”. Ao se propor uma análise como a que se realizou na seção anterior, é compreensível que certas especificidades materiais constituam singularmente os textos em questão, mas, para além dessas particularidades, o que se propôs demonstrar é como determinados elementos apenas “fazem sentido”, por assim dizer, quando em referência a uma formação discursiva, que se insere em condições sócio-históricas determinadas. A Teologia da Prosperidade (observada, neste trabalho, a partir da solicitação de dízimos), enquanto discurso, e integrada a uma prática discursiva mais ampla, não limita a sua abrangência aos recursos verbais que se tornam regulares nos enunciados dos pastores; como foi possível observar, até mesmo o simbolismo de grandiosidade do

Templo de Salomão, por exemplo, entra na configuração semântica que caracteriza essa prática discursiva.

Na análise dos enunciados relacionados à coleta de dízimos e de ofertas da Igreja Universal do Reino de Deus, são colocados em cena vários elementos que agem no sentido de fortalecer o convencimento, ou à manutenção da adesão, do fiel. O representante maior da IURD mobiliza conhecimentos supostamente partilhados com seu auditório (como a noção de amor em família, que funciona como “evidência indiscutível”), bem como outros conhecimentos que aparentemente são introduzidos como conteúdos a se ensinar (como no primeiro vídeo, em que há a prevalência de um ethos professoral e de uma cenografia de ensino-aprendizagem). Na argumentação do Bispo, são trazidos trechos bíblicos em recortes “filtrados”, de modo a não contradizer suas teses centrais, vinculadas à Teologia da Prosperidade; assim, as palavras “deslizam-se” para sentidos que se alinham à FD e, inclusive, determinados verbos acabam tendo seus complementos mais sugeridos, no fio do discurso, do que propriamente explicitados. A análise apontou, também, a recorrência de construções condicionais, remetendo a uma relação de “troca”, “negociação” entre homens e Deus, que se reforça pela presença de itens lexicais como “cobrar” e “pertencer”.

Este artigo, conforme apontado na seção introdutória, estabeleceu um recorte de uma pesquisa cujo *corpus*, mais amplo, permitiu a observação de outras regularidades discursivas aqui não discutidas, devido à limitação especial. Questões relacionadas, por exemplo, às cenas de enunciação (cena englobante, cena genérica e cenografia, conforme teorização de Maingueneau), contempladas de um modo mais breve nas análises deste artigo, são relevantes para o funcionamento da argumentação e podem vir a ser abordadas com mais profundidade em outros textos, considerando-se os diferentes desdobramentos da pesquisa.

## Referências

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Ângela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Tradução de Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A Bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade. **Vida pastoral**, São Paulo, n. 303, 2015. Disponível em:

<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-teologicos/a-biblia-reinterpretada-pela-teologia-da-prosperidade/>. Acesso em 05 jan. 2021.

WAITZ, Luiz Felipe. **Um estudo sobre a educação neoliberal na Igreja Universal do Reino de Deus**. 2019. 149fls. Dissertação (Mestrado em direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

[https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7689091](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7689091). Acesso em: 10 fev. 2020.